

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

MAIO DE 1865

Nº 5

## Questões e Problemas

### MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DOS ANIMAIS

Escrevem-nos de Dieppe:

“...Parece-me, caro senhor, que chegamos a uma época em que se devem realizar coisas incríveis. Não sei o que pensar de um dos mais estranhos fenômenos que acaba de ocorrer em minha casa. Nos tempos de cepticismo em que vivemos, dele não ousaria falar a ninguém, temendo que me tomassem por alucinado. Mas, caro senhor, com risco de trazer aos vossos lábios o sorriso da dúvida, quero contar-vos o fato. Aparentemente fútil, no fundo, talvez seja mais sério do que se poderia pensar.

“Meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava os estudos, tinha ganhado de um de seus amigos uma linda galga, que adestramos com extremo cuidado. Na sua espécie era a mais adorável criaturinha que se pudesse imaginar. Nós a queríamos como se ama tudo o que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, pelo olhar. Tal era a expressão dos seus olhos que parecia fosse nos responder quando lhe dirigíamos a palavra.

“Depois da morte de seu jovem dono, a pequena Mika (era o seu nome) foi trazida para Dieppe e, conforme seu hábito, dormia bem agasalhada aos pés de minha cama. No inverno, quando o frio castigava muito, ela se levantava, dava um gemido baixinho de extrema doçura, o que era sua maneira habitual de formular um pedido e, compreendendo o que ela desejava, eu permitia que viesse pôr-se ao meu lado. Então ela se estendia como possível entre seus panos, com o focinho em meu pescoço, que usava como travesseiro, entregando-se ao sono como os felizes da Terra, recebendo meu calor, transmitindo-me o seu, o que aliás não me desagradava. Comigo a pobre pequenina passava dias felizes. Mil coisas boas não lhe faltavam. Mas, em setembro último, adoeceu e morreu, malgrado os cuidados do veterinário a quem a confiei. Muitas vezes falávamos dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como se fora um filho amado, tanto ela tinha sabido, pela doçura, pela inteligência e por seu apego fiel, cativarnos a afeição.

“Ultimamente, pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouço partir dos pés de meu leito aquele gemidinho que soltava a pequena galga, quando queria alguma coisa. Fiquei de tal modo impressionado que estendi o braço fora do leito, como se a quisesse atrair para mim e julguei mesmo que ia sentir suas carícias. Ao me levantar de manhã, contei o fato à minha mulher, que me disse: ‘Ouvi a mesma voz, não uma, mas duas vezes. Parecia vir da porta de meu quarto. Meu primeiro pensamento foi que nossa pobre cadelinha não estava morta e que, escapando da casa do veterinário, que dela se teria apropriado graças à sua gentileza, queria voltar à nossa casa.’

“Minha pobre filha doente, que tem sua caminha no quarto da mãe, afirma que também ouviu. Apenas lhe pareceu que a voz não partia da porta de entrada, mas do próprio leito de sua mãe, que é pertinho da porta.

“Devo dizer-vos, caro senhor, que o quarto de minha mulher fica acima do meu. Esses sons estranhos viriam da rua, como pensa minha mulher, que não partilha de minhas convicções espíritas? É impossível. Vindos da rua, esses sons tão suaves não teriam chegado ao meu ouvido, pois estou de tal modo acometido de surdez que, mesmo no silêncio da noite, sou incapaz de ouvir o barulho de um carro que passa. Nem sequer escuto o trovão durante uma tempestade. Por outro lado, se o som da voz viesse da rua, como explicar a ilusão de minha esposa e de minha filha, que julgaram ouvi-lo vindo de um ponto oposto, da porta de entrada, por minha mulher, do leito desta por minha filha?

“Confesso, caro senhor, que embora esses fatos se reportem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disto? Nada ousou decidir e não posso me estender muito a respeito; mas eu me pergunto se o princípio imaterial, que, como nos homens, deve sobreviver nos animais, não adquiriria, em certo grau, a faculdade de comunicação, como a alma humana. Quem sabe? Conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará a lei das afinidades? quem explicará as leis da repulsão? Ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa, que haveria de admirável que um pobre animalzinho em estado imaterial se sinta arrastado para onde o leva sua afeição? Mas, perguntarão, como admitir o som da voz? E se ele foi ouvido uma, duas vezes, por que não todos os dias? Esta objeção pode parecer séria. Todavia, seria uma insensatez pensar que esse som não possa produzir-se fora de certas combinações de fluídos que, reunidos, agem num sentido qualquer, como em química se produzem certas eferescências, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou quais elementos? Se essa hipótese tem ou não fundamento, não a discuto; direi apenas que pode estar nas coisas possíveis e, sem ir muito longe, acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho e que se o fato se produziu é porque pôde produzir-se.

Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça; talvez não tardemos a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza.”

Nosso honrado correspondente age com sabedoria ao não decidir a questão categoricamente. De um único fato, que ainda não passa de uma probabilidade, ele não tira uma conclusão absoluta. Constata, observa, aguardando que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos deste gênero ainda não são bastante numerosos, nem suficientemente provados para deles deduzir-se uma teoria, afirmativa ou negativa. A questão do princípio e do fim do Espírito dos animais apenas começa a destrinchar, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se não for uma ilusão, pelo menos constata o vínculo de afinidade existente entre o Espírito dos animais, ou, melhor, de certos animais e o do homem. Aliás, parece positivamente provado que há animais que vêem os Espíritos e por estes são impressionados; temos referido vários exemplos na *Revista*, entre os quais o do *Espírito e o cãozinho*, no número de junho de 1860. Se os animais vêem os Espíritos, evidentemente não é pelos olhos do corpo. Portanto, eles também têm uma espécie de visão espiritual.

Até agora a Ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais. Ela nos mostra, no físico, todos os elos da cadeia dos seres sem solução de continuidade. Mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos havia um abismo. Se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar uma ponte sobre esse abismo, será um novo passo para a unidade da escala dos seres e da Criação. Não é por meio de sistemas que se poderá resolver esta grave questão, mas pelos fatos. Se o deve ser um dia, só o Espiritismo, criando a *psicologia experimental*, poderá lhe fornecer os meios. Em todo o caso, se existem pontos de contato entre a alma animal e alma humana, este não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais adiantados. Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais se fez menção de que existissem Espíritos de animais. Disso

pareceria resultar que aqueles não conservam a sua individualidade após a morte, mas, por outro lado, a pequena galga, que se teria manifestado, pareceria provar o contrário.

De acordo com isto, vê-se que a questão ainda está pouco adiantada, e que não se deve apressar a sua solução. Tendo sido lida a carta acima na Sociedade de Paris, a respeito foi dada a seguinte comunicação:

(Paris, 21 de abril de 1865<sup>18</sup> – Médiun: Sr. E. Vézzy)

Esta noite vou abordar uma grave questão, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a Humanidade. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinam a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, elevou-se um murmúrio numa parte desta assembléia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, malgrado vossas perguntas? Não, porque, enfim, vejo que entráis no caminho que vos indicava.

Mas não basta apenas crer no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria, desenvolvendo-se ao passar pela peneira do mineral, do vegetal e do animal, para chegar à *humanimalidade*, onde começa a ensaiar-se apenas a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na *Humanidade*. Entre essas diferentes fases existem laços importantes, que é necessário conhecer, e que chamarei *períodos intermediários* ou *latentes*; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Mais tarde eu vos falarei dos laços que unem o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal. Já que um fenômeno que vos causa admiração nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou entreter-vos com estes últimos.

18 N. do T.: 1845 no original. É evidente que Kardec se refere ao ano de 1865.

Entre os animais domésticos e os homens as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e sobre eles recaem. É um pouco a Humanidade que se distingue sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra. Daí esta superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal do animal selvagem e é somente a essa causa que poderão ser devidas essas manifestações que vos acabam de ler. Assim, não se enganaram ouvindo um grito alegre do animal reconhecido pelos cuidados de seu dono, o qual veio, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação, portanto, pode ocorrer, mas é passageira, porque o animal, para subir um degrau, precisa de um trabalho latente, que aniquila, em todos, qualquer sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual, onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, irrompendo num estado de maturidade para deixar escapar, nas correntes que a arrastam, os germes de almas que aí se originam. Assim, pois, ser-nos-ia difícil falar-vos dos Espíritos de animais do espaço: eles não existem; ou, melhor, sua passagem é tão rápida como se nula fosse e, no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.

Já sabeis que nada morre da matéria que sucumbe. Quando um corpo se dissolve, os diversos elementos de que é composto reclamam a parte que lhe deram: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono voltam ao seu foco primitivo para alimentar outros corpos. Dá-se o mesmo com a parte espiritual: os fluidos organizados espirituais tomam, de passagem, cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis bem? Talvez eu precisasse explicar-me melhor, mas, para terminar esta noite, e não vos deixar supor o impossível, eu vos asseguro que o que é do domínio da inteligência animal não pode ser reproduzido pela inteligência humana, isto é, que o animal, seja qual for, não pode expressar seu pensamento pela linguagem humana; suas idéias são apenas rudimentares. Para

ter a possibilidade de exprimir-se, como faria o Espírito de um homem, precisaria de idéias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, que não pode ter. Tende, pois, como certo, que nem o cão, nem o gato, nem o burro, nem o cavalo, nem o elefante podem manifestar-se por via mediúnica. Só os Espíritos chegados ao grau da Humanidade podem fazê-lo, e ainda em razão de seu adiantamento, porquanto o Espírito de um selvagem não vos poderá falar como o de um homem civilizado.

*Observação* – Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação, feita na sessão, de pessoas que pretendiam ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, no fundo, com a que hoje prevalece nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido documentos suficientes, resumi-los-emos num corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal. Até lá, são apenas balizas postas no caminho, para o esclarecer.

## Considerações sobre os Ruídos de Poitiers<sup>19</sup>

Extraídas do *Journal de la Vienne*, de 22 de novembro de 1864

Conhece-se a lógica dos adversários do Espiritismo. A passagem seguinte, de um artigo assinado por David, de Thiais, fornece uma amostra.

“Amigo leitor,

“Como eu, deveis ter em vosso escritório uma pequena brochura (in-8º) do Sr. Boreau, de Niort, cujo título – *Como e por que me tornei espírita* – traz o *fac-símile do autógrafo da escrita direta de um Espírito familiar*.

19 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 513.

“É a mais curiosa das histórias: a de um homem sincero, convicto, amante das coisas elevadas, mas que diviniza suas ilusões e incessantemente corre atrás dos sonhos, crendo captar a realidade. Perseguido com Jeanne, a sonâmbula, um tesouro enterrado num antigo campo de batalha da Vandéia, ele encontra, em vez do ouro que lhe é prometido, Espíritos trapaceiros, malévolos, temíveis, que quase matam de terror a sua companheira e o expõem às mais dolorosas angústias. De repente ele se torna espírita, como se as aparições que o obsediam reproduzissem os milagres da lâmpada maravilhosa e, ao mesmo tempo, lhe prodigalzassem todos os bens do corpo e da alma.

“É preciso que a ficção seja uma das maiores necessidades do gênio humano, para que semelhantes crenças se tornem possíveis.

“Há aí gênios *farsistas*, que zombam; Espíritos cruéis, que ameaçam e batem; Espíritos grosseiros, com a boca sempre a injuriar, e a gente se pergunta o que eles vêm fazer aqui, já que a morte não os burilou em seu temível crisol.

“Aí também se entretêm com parelhas e quadrinhas de um bom anjo, que não trouxe do céu os segredos de sua poesia, mostrando o quanto uma idéia preconcebida nos leva longe no caminho das ilusões.

“Em matéria de Espiritismo, o Sr. Boreau tem a fé ingênua do homem simples; chega mesmo a gostar dos que o batem e o molestam. Nada temos a dizer quanto a isto, tanto mais quanto sua brochura contém páginas muito divertidas, provando que pode dispensar facilmente os Espíritos exteriores, pois o seu lhe deve bastar muito bem.

“Diremos apenas que os fatos que ele relata não são de ontem. A gente ainda se recorda da emoção que se apoderou da

cidade de Poitiers, quando da formidável artilharia ouvida na Rua Saint-Paul, no ano passado. Uma longa procissão de curiosos rodou durante oito dias em volta dessa casa assombrada pelo demônio; a polícia ali estabeleceu o seu quartel-general e cada um espreitou o voejar dos Espíritos, na esperança de surpreender os segredos do outro mundo; mas só viram fogo. Os Espíritos só se revelam aos crentes fazendo todo o barulho do mundo. (*Revista Espírita*, fevereiro, março e maio de 1864).

“Coisa estranha, leitor! essas paragens parecem ter o monopólio desta raça barulhenta e zombeteira.

“Gorre, célebre médico alemão, morto em 1836, ensina no tomo III de sua *Mística* – pelo menos é o que diz Guillaume d’Auvergne, bispo de Paris, falecido em 1249 – que, pelo mesmo tempo, um Espírito batedor se havia introduzido numa casa do dito bairro de Saint-Paul, em Poitiers, e que ali jogava pedras e quebrava os vidros.

“Pierre Marmois, professor de teologia em nossa universidade, autor do *Flagellum maleficorum*, conta o que se passava, em 1447, na Rua Saint-Paul, numa casa na qual certo Espírito, entregando-se às suas evoluções ordinárias, lançava pedras, mudava os móveis de lugar, quebrava os vidros e até batia nas pessoas, embora delicadamente, sem que fosse possível descobrir como atuava.

“Conta-se que naquela ocasião Jean Delorme, então cura de Saint-Paul, homem muito instruído e de grande probidade, veio, acompanhado de algumas pessoas, visitar o teatro dessas estranhas proezas e, munido de velas bentas e acesas, água benta e água gregoriana, percorreu todos os aposentos da casa, aspergindo-os e exorcizando-os.

“Mas todos os exorcismos foram impotentes; nenhum diabo se mostrou. Contudo, a partir daquele momento, o Espírito maligno deixou de se manifestar<sup>20</sup>.”

“Assim, com alguns séculos de distância, os mesmos fenômenos espíritas se repetem três vezes na mesma cidade e no mesmo bairro. Mas, que se deve concluir disto? *Absolutamente nada*. Com efeito, não há qualquer conseqüência importante a tirar de um ruído vão, de brincadeiras pueris, de fatos lamentáveis que, evidentemente, não podem ser atribuídos aos Espíritos, corpos imponderáveis que, pairando sobre o mundo, devem escapar às enfermidades humanas, aproximando-se incessantemente da luz e da bondade de Deus.

“Aliás, esta questão não está em discussão. Cada um é livre de escolher os seus Espíritos, de os adorar à sua maneira, de lhes emprestar uma virtude, um poder, um caráter conforme às suas aspirações. Somente preferimos, aos gênios um tanto materiais da escola moderna, as criações encantadoras, nascidas da poesia dos dias antigos e que, marchando fraternalmente com o homem no limite dos dois mundos, lhes davam tão docemente a mão, para os aproximar das fontes da vida imortal e da felicidade sem-fim.

“Para nós, nenhum Espírito batedor valerá essas adoráveis imagens pintadas pelo gênio de Ossian sobre as nuvens vaporosas do Norte, cujas harpas melancólicas ainda fazem vibrar tão bem as fibras mais íntimas do coração. Quando a alma levanta vôo, tem o cuidado de aliviar suas asas e repele tudo quanto as pode tornar mais pesadas.”

Somos reconhecidos ao autor deste artigo por nos haver dado a conhecer esse fato notável, que ignorávamos, do mesmo fenômeno, reproduzido na mesma localidade com intervalo de vários séculos. Sem o suspeitar, ele não podia servir

20 Vide a brochura do Sr. Bonsergent, na Biblioteca Imperial.

melhor à nossa causa, porque desta repetição ele pretende tirar um argumento contra as manifestações. Parece-nos que em boa lógica, quando um fato é único e isolado, não se lhe pode deduzir conseqüência absoluta, já que pode ser devido a uma causa accidental, ao passo que, quando se repete em condições idênticas, é que depende de uma causa constante; em outras palavras, de uma lei. Buscar essa lei é dever de todo observador sério, porque ela pode levar a descobertas importantes.

Que, apesar da duração, do caráter especial e das circunstâncias acessórias dos ruídos de Poitiers, algumas pessoas tenham persistido em os atribuir à malevolência, compreende-se até certo ponto; porém, quando se repetem pela terceira vez, na mesma rua, com vários séculos de distância, haverá, por certo, matéria para reflexão, porque, se há mal-intencionados, é pouco provável que em tão longo intervalo tenham escolhido precisamente o mesmo lugar para teatro de suas façanhas. Entretanto, que concluir disto? Diz o autor: *Absolutamente nada*. Assim, de um fato que emociona toda uma população, várias vezes repetido, não há nenhuma conseqüência importante a tirar! Realmente, é uma lógica muito singular! “São ruídos vãos, *divertimentos pueris* que, *evidentemente*, não podem ser atribuídos aos Espíritos, corpos imponderáveis que, pairando sobre o mundo, devem escapar às enfermidades humanas, aproximando-se *incessantemente* da luz e da bondade de Deus.” Então o Sr. David crê nos Espíritos, já que descreve os seus atributos com tanta precisão. Onde hauriu tais conhecimentos? Quem lhe disse que os Espíritos são tais quais ele os imagina? Tê-los-á estudado para decidir assim tão categoricamente a questão? Diz ele que os Espíritos “devem escapar às enfermidades humanas”; às enfermidades corporais, sem dúvida; mas às enfermidades morais, também? Então ele crê que o homem perverso, o assassino, o bandido, o mais vil dos malfeitores e ele estarão no mesmo nível quando forem Espíritos? De que lhes terá servido ser honestos durante a vida, desde que, após a morte, sê-lo-ão como se o tivessem sido? Uma vez que os

Espíritos se aproximam incessantemente da luz e da bondade de Deus, o que é mais verdadeiro do que talvez creia o autor, então houve um tempo em que eles estavam longe, porque, para se aproximar de um objetivo, é preciso que dele se tenha afastado. Onde o ponto de partida? Só pode estar no oposto da perfeição, isto é, na imperfeição. Seguramente não são Espíritos perfeitos que se divertem com semelhantes coisas. Mas se os há imperfeitos, que há de espantoso que cometam malícias? Do fato de planarem sobre o mundo, segue-se que dele não se possam aproximar? Seria supérfluo levar mais longe essa refutação. Sendo mais ou menos equivalentes todos os argumentos dos nossos adversários, nem mesmo teríamos refutado este artigo, não fosse o precioso documento que encerra e pelo qual novamente agradecemos ao autor.

## Conversas de Além-Túmulo

O DOUTOR VIGNAL

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865 – Médium: Sr. Desliens)

Por certo nossos leitores se lembram dos interessantes estudos sobre o Espírito de pessoas vivas, publicados na *Revista* de janeiro e março de 1860, e aos quais se haviam submetido os Srs. conde de R... e o Dr. Vignal. Este último, afastado há vários anos, faleceu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, perguntamos a um sonâmbulo muito lúcido, que via bem os Espíritos, se o enxergava. Disse ele: “Vejo um cadáver, no qual se opera um trabalho extraordinário. Dir-se-ia uma massa que se agita, e como algo que faz esforços para se libertar dela, mas que tem dificuldade em vencer a resistência. Não distingo forma de Espírito bem determinada.” No dia 31 de março o Dr. Vignal foi evocado na Sociedade de Paris. O mesmo sonâmbulo assistia, adormecido, à sessão durante a evocação. Viu-o e o descreveu perfeitamente, enquanto se comunicava com o médium de sua escolha.

Dizemos *de sua escolha* porque a experiência demonstra o inconveniente de impor um médium ao Espírito, que pode não encontrar nele as condições necessárias para se comunicar livremente. Quando se faz pela primeira vez a evocação de um Espírito, convém que todos os médiuns presentes se ponham à sua disposição e esperem que se manifeste por um deles. Nesta sessão havia onze médiuns.

P. – Caro Sr. Vignal, todos os vossos antigos colegas da Sociedade de Paris guardaram de vós a melhor lembrança, e eu, em particular, a das excelentes relações, que não se descontinuaram entre nós. Chamando-vos ao vosso meio, tivemos por objetivo, antes de tudo, dar-vos um testemunho de simpatia; e ficaremos muito felizes se quizerdes ou se puderdes vir conversar conosco.

*Resp.* – Caro amigo e digno mestre, vossa boa lembrança e vossos testemunhos de simpatia me sensibilizam bastante. Se hoje posso vir a vós e assistir, livre e desprendido, a esta reunião de todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me trouxeram. Como dizia com justeza meu jovem secretário, eu estava muito impaciente para me comunicar; desde o começo desta noite empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar este desejo. Vossas conversas e as graves questões que discutistes, interessando-me vivamente, tornaram minha espera menos penosa. Perdoai, caro amigo, mas eu precisava manifestar o meu reconhecimento.

*Nota* – Desde que se tratou do Sr. Vignal, o médium sentiu, efetivamente, a influência desse Espírito, que desejava comunicar-se por ele.

P. – Antes de mais, dissei como vos achais no mundo dos Espíritos. Ao mesmo tempo, tende a bondade de descrever o trabalho da separação, vossas sensações nesse momento e dizer ao cabo de quanto tempo recobrades a razão.

*Resp.* – Estou tão feliz quanto se pode ser, quando a gente vê se confirmarem plenamente todos os pensamentos secretos, que se pode ter emitido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Sou feliz! sim, porque agora vejo sem qualquer obstáculo desdobrar-se à minha frente o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Mas afastemos por hoje essas digressões inoportunas. Virei novamente vos entreter a respeito, sabendo que minha presença vos dará tanto prazer quanto eu mesmo experimento em vos visitar.

O desligamento foi muito rápido; mais rápido do que meu pouco mérito permitia esperar. Fui ajudado poderosamente por vosso concurso, e vosso sonâmbulo vos deu uma idéia muito clara do fenômeno da separação, para que eu insista na mesma tecla. Era uma sorte de oscilação descontínua, uma espécie de arrebatamento em dois sentidos opostos. O Espírito triunfou, já que aqui estou. Não deixei o corpo completamente senão no momento em que foi depositado na terra. Vim convosco.

P. – Que pensais do serviço que foi feito nos vossos funerais? Julguei um dever estar presente. Naquele momento estáveis bastante desprendido para vê-lo, e as preces que eu disse por vós (não ostensivas, naturalmente) chegaram até vós?

*Resp.* – Sim. Como vos disse, vossa assistência tudo fez em parte e eu vim convosco, abandonando completamente minha velha crisálida. As coisas materiais pouco me tocam; aliás, vós o sabeis. Eu só pensava na alma e em Deus.

P. – Lembrai-vos de que a pedido vosso, cinco anos atrás, em fevereiro de 1860, fizemos um estudo sobre vós, quando ainda estáveis vivo? Naquele momento vosso Espírito desprendeuse para vir conversar conosco. Podeis descrever-nos, tanto quanto possível, a diferença existente entre o vosso desprendimento atual e o de então?

*Resp.* – Sim, certamente; eu me lembro. Mas que diferença entre o meu estado de então e o de hoje! então a matéria ainda me constringia com a sua malha inflexível. Eu queria me desligar de maneira mais absoluta e não podia. Hoje sou livre. Um vasto campo, o do desconhecido, abre-se à minha frente e, com a vossa ajuda e a dos Espíritos bons, aos quais me recomendo, espero avançar e me penetrar o mais rapidamente possível dos sentimentos que devo experimentar e dos atos que preciso realizar para subir o caminho da prova e merecer o mundo das recompensas. Que majestade! Que grandeza! é quase um sentimento de assombro que domina, porquanto, fracos como somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P. – De outra vez estimaremos muito continuar esta conversa, quando quiserdes regressar entre nós.

*Resp.* – Respondi sucintamente e sem seqüência às vossas diversas perguntas. Não exigis ainda muito de vosso fiel discípulo, pois não estou inteiramente livre. Conversar, conversar ainda seria minha felicidade; meu guia modera meu entusiasmo e já pude apreciar bastante a sua bondade e sua justiça, para me submeter inteiramente à sua decisão, por mais pesar que eu sinta em ser interrompido. Consolo-me pensando que poderei vir muitas vezes assistir incógnito às vossas reuniões. Falarei convosco algumas vezes; amo-vos e quero prová-lo. Mas outros Espíritos mais adiantados que eu reclamam prioridade e eu deveria apagar-me ante os que houveram por bem permitir ao meu Espírito dar livre curso à torrente de pensamentos que eu havia acumulado.

Deixo-vos, amigos, e devo agradecer duplamente, não só a vós, espíritas, que me chamastes, mas também a este Espírito que permitiu que eu tomasse o seu lugar e que, em vida, usava o nome ilustre de Pascal.

Aquele que foi e será sempre o mais devotado de vossos adeptos.

*Nota* – Com efeito, o Espírito Pascal deu em seguida a comunicação publicada adiante, sob o título de *O Progresso intelectual*.

## Correspondência

### CARTAS DO SR. SALGUES, DE ANGERS

Aos nos enviar o seu opúsculo *A confusão do Império de Satã*, anunciado em nosso último número, o Sr. Salgues teve a gentileza de anexar a carta seguinte, que temos o prazer de publicar com sua autorização. Como nós, cada um apreciará os sentimentos nela expressos.

Angers, 9 de março de 1865.

Senhor e caro irmão em Deus,

É sob a impressão causada pela leitura das comunicações dos Espíritos da Sra. Foulon e do Dr. Demeure (*Revista Espírita* – março de 1865), que tenho a honra de vos escrever para exprimir todo o prazer que nelas encontrei e, posso dizer, muito interesse, que de regra é o produto de vossa pena.

Acabo de vos enviar uma pequena brochura, rogando que a aceiteis. Para vós e para todos os meus leitores será uma obra muito modesta; mas um velho de oitenta anos, com a vista arruinada por excesso de trabalho e de estudos e, por isto, não podendo retocar o que escreve, como gostaria, deve contar com a indulgência do público.

Os adversários católicos da pneumatologia alimentam nos fanáticos apostólicos a opinião de que os Espíritos são demônios, de que Satã é uma realidade, prejudicando, assim, o desenvolvimento das boas doutrinas, como resultado das preciosas

lições, tão morais e tão consoladoras, desses supostos duendes. É em vão que as pessoas sensatas negam estes últimos, por uma simples rejeição persistente. Convém provar aos demonófobos, com detalhes circunstanciados, que laboram em erro; que o inferno dos cristãos é um mito. Foi o que me levou a escrever este opúsculo, sem a pretensão de ocupar o lugar de um escritor.

Na condição de assinante das publicações espíritas de Bordeaux, acabo de enviar um exemplar de meu livro a cada um de seus autores. Deveria ser de outro modo convosco, senhor, cujas produções leio sempre com interesse desde a sua aparição? Todavia, pensareis que o faça com timidez, já que fui adversário, não dos *espíritas*, muito *honrados* para mim, mas do Espiritismo; não de uma maneira absoluta, mas por arrastamento, devendo, entretanto, repelir na ocasião uma linguagem que me atribuíam por *abuso* de minha assinatura. Assim, acabei por interditar-me toda crítica, querendo ser amigo de todos. Desejo apenas observar, aproximar, comparar, esperar, aprender e julgar no silêncio do gabinete. Hoje ainda creio que estamos longe de tudo saber, que em Espiritismo, como em espiritualismo, haveria lugar para *discutir* com os Espíritos certas questões de doutrina, mas hoje me dou por satisfeito. Com paciência chegaremos todos ao mesmo fim, à felicidade absoluta e à vida eterna.

Aliás, creio que por toda parte o *Espiritismo* faz felizes; é vossa obra gloriosa e eu me aplico a fazer ler o mais possível os escritos que hoje tanto se espalham, para restabelecer a moralidade e os sentimentos religiosos, levados na via mais racional. Os homens sensatos devem, pois, fazer votos *comigo* para que Deus vos conceda longos dias, em perfeita saúde. Creio que ele também se manifestou a meu respeito por meio de três Espíritos que, sem que neles eu pensasse, e em diferentes lugares, me disseram que eu viveria muito tempo, o que já data de sete ou oito anos. Talvez seja porque sempre fiz propaganda com zelo, sem descanso, desde 1853

que, a despeito da visão, muito sacrificada, tenho força, energia, leveza física e vivacidade juvenil, pois minha idade não é deduzida por meu aspecto.

Quereis, pois, aceitar, senhor e caro irmão, o penhor de minha alta consideração e minhas cordiais saudações.

*Salgues*

Uma segunda carta do Sr. Salgues, de 11 de abril de 1865, contém a seguinte passagem:

“Um anúncio de meu opúsculo foi feito por um jornal ao qual eu enviei um exemplar. Tive de censurar o autor por me ter chamado de *adversário implacável do Espiritismo*. Sob a impressão dos dados há pouco fornecidos a Victor Hennequin por um Espírito mau, combati de boa-fé a doutrina das encarnações; mas, depois de haver reconhecido grande número de incoerências *espiritualistas*, do mesmo modo que notei no Espiritismo certos detalhes que não cativavam minha confiança, acabei por me limitar à observação minuciosa, esperando com paciência o dia em que, com uma natureza mais perfeita, eu pudesse reconhecer a verdade a respeito de nosso destino após a vida na matéria. Com relação aos fatos e às comunicações espíritas, basta-me, por hora, ter assegurada uma segunda vida em estado espiritual.”

#### RESPOSTA

Meu caro senhor,

Recebi a carta que vos dignastes escrever-me, bem como a brochura que a acompanhava, pelo que peço aceiteis meus sinceros agradecimentos. Ainda não tive tempo de tomar conhecimento da obra, mas não duvido que destes trabalho aos nossos antagonistas. A questão do demônio é o último cavalo de batalha em que se agarram; mas esse cavalo está impossibilitado de

locomover-se e a corda dessa tábua de salvação está tão gasta que não tardará a romper-se e deixar o barco à deriva.

Fico satisfeito, senhor, pelos excelentes sentimentos que me testemunhais, e por encontrar em vós uma moderação e uma imparcialidade que atestam a elevação do vosso Espírito. Confesso que o contrário é que me surpreenderia, e é para mim uma grande felicidade ver que eu tinha sido induzido em erro por falsas aparências. Se divergimos em alguns pontos da doutrina, vejo com verdadeira satisfação que um grande princípio nos une, este: Fora da caridade não há salvação.

Recebei, caro senhor, as fraternais saudações do vosso muito dedicado,

*Allan Kardec*

## **Manifestações Diversas – Curas; Chuvvas de Bombons**

### **CARTA DO SR. DELANNE**

Nosso colega, Sr. Delanne, escreve-nos em data de 2 de abril de 1865:

Caríssimo mestre,

Revi nossos irmãos de Barcelona. Lá, como na França, a doutrina se propaga, os adeptos são zelosos e fervorosos. Num grupo que visitei, vi dignos êmulos desse caro Sr. Dombre, de Marmande. Constatei a cura completa de uma senhora, atacada por terrível obsessão, que já durava no mínimo quinze anos, muito antes que se falasse de Espíritos. Médicos, padres, exorcismos, tudo fora empregado inutilmente. Hoje essa mãe de família voltou aos

seus, que não cessam de dar graças a Deus por tão miraculosa cura. Bastaram dois meses para obter esse resultado, tanto pela evocação do obsessor, quanto pela influência de preces coletivas e simpáticas.

Numa outra sessão foi feita a evocação do Espírito que, há oito anos, obsedia um operário chamado Joseph, agora em vias de cura. Nunca me havia emocionado tão penosamente senão quando presenciei as dores do paciente no momento da evocação. A princípio calmo, de repente é tomado de sobressaltos, de espasmos e de tremores nervosos. Colhido por seu inimigo invisível, agita-se em horríveis convulsões; o peito infla, o doente sufoca e, depois, retomando a respiração, ele se retorce como uma serpente, rola no chão, ergue-se de um salto e se bate na cabeça. Só pronunciava palavras entrecortadas, sobretudo a palavra: *Não! não!* O médium, que é uma senhora, estava em prece; toma da pena e eis que o invisível, deixando sua presa por um instante, apodera-se de sua mão e a teria maltratado, se o tivessem deixado.

Há quinze dias que evocam esse Espírito da pior espécie; jamais ele quis dizer o motivo de sua vingança. Premido por mim com perguntas, enfim confessou que esse Joseph lhe havia roubado aquela a quem ama. Nós lhe fizemos compreender que se não o quisesse mais atormentar e mostrasse o menor sinal de arrependimento, Deus lhe permitiria revê-la. – Por ela, diz ele, farei tudo. – Pois bem! então dissei: Meu Deus, perdoai minhas faltas. – Depois de hesitar, ele nos disse: “Vou tentar; mas ai dele se não me fizerdes vê-la!” E escreveu: “Meu Deus, perdoai minhas faltas.” O momento era crítico; que ia acontecer? Consultados, os guias disseram: Fizestes bem em pôr toda a vossa confiança em Deus e em nós; tendes a chave para trazê-lo a vós. Ele verá mais tarde aquela a quem ama; nada temais. É uma promessa que deveis aproveitar, a fim de que ele seja reconduzido ao bem. Depois desta cena, Joseph, esgotado como um lutador, extenuado de fadiga, se ressentia da terrível possessão de seu inimigo invisível. Então o Sr.

B..., operando enérgicos passes magnéticos, termina por acalmá-lo completamente. Queira Deus que esta cura seja tão estrondosa quanto a precedente.

Eis a que se aplicam esses caros irmãos! Quanta energia, quanta convicção, quanta coragem não são precisas para fazer semelhantes curas! Somente a fé, a esperança e, sobretudo, a caridade podem vencer tão grandes obstáculos e afrontar com tamanha temeridade uma malta de tão terríveis adversários. Saí dali exausto!

Alguns dias mais tarde eu assisti em Carcassonne a emoções de outro gênero. Visitei o Sr. presidente Jaubert. Disse-me ele: Temos numerosos casos de transportes desde algum tempo. Vou levar-vos à senhorita que é objeto dessas manifestações. Como se de propósito, a moça estava indisposta; o estômago estava intumescido, a ponto de não poder afivelar o vestido. Consultados os guias, a sessão foi adiada para o dia seguinte, às oito horas da noite. O Sr. C..., capitão reformado, houve por bem colocar seu salão à nossa disposição. É uma grande peça vazia, apenas atapetada. Como toda decoração, só dispõe de um espelho sobre a lareira, uma cômoda e cadeiras; nada de quadros, cortinas ou forro de papel nas paredes: um verdadeiro apartamento de rapaz. Éramos ao todo nove pessoas, todos adeptos convictos.

Assim que entramos, uma chuva de bombons caiu com estrondo num ângulo do aposento! Seria difícil falar-vos da minha emoção, porquanto a honorabilidade dos assistentes, aquela sala vazia e escolhida, tudo parecia preparado de propósito pelos Espíritos para tirar qualquer dúvida, nada havendo que pudesse fazer suspeitar uma manobra fraudulenta. Apesar desse prodígio, eu não deixava de olhar, de perscrutar as paredes com o olhar e lhes perguntar se não eram cúmplices de um conchavo qualquer.

A médium doente toma seu lápis e escreve: “Dize a Delanne que ponha sua mão na boca de teu estômago e essa inflamação desaparecerá. Orai antes.” Eis-nos todos em prece. Eu estava na extremidade da sala quando, em meio ao recolhimento geral, uma nova chuva de bombons se produziu no ângulo oposto àquele de onde partira na primeira vez. Julgai de nossa alegria. Aproximei-me da doente; o inchaço era muito maior que na véspera. Impus a mão e o edema desapareceu como por encanto. Estou curada, disse ela. Seu vestido, bastante apertado, tornou-se muito folgado. Todos constataram o fato. Unimo-nos em pensamento para agradecer aos Espíritos bons por tanta bondade. Então se sucedeu uma terceira chuva de bombons. Em minha vida jamais esquecerei estes fatos. Aqueles senhores estavam encantados, mais por mim do que por eles, habituados a essas formas de manifestações. Cada um deles possui alguns objetos trazidos pelos Espíritos. O Sr. Jaubert afirmou ter visto sua mesa virar-se e se erguer várias vezes sem o concurso das mãos; seu chapéu levado de um a outro canto da sala. Um fato análogo de cura instantânea igualmente se produziu há alguns meses, sob a mão do Sr. Jaubert.

A senhorita médium é, além disso, sonâmbula muito lúcida; estando adormecida, eu lhe disse: “Quereis acompanhar-me a Paris? – Sim. – Tende a bondade de ir à minha casa. – Vejo vossa esposa, disse ela; ela me agrada; está deitada e lê.” Descreveu o apartamento com perfeita exatidão. Eis a conversa que teve com minha mulher: “Senhora, não sabeis que o vosso marido está conosco? – Não, mas dizei a ele que me escreva. – Vede! eu não tinha visto vosso filho; ele é gentil. Vossa senhora me diz que tem outro filho, também muito gentil. – Pedi-lhe que vos diga sua idade. – Ele tem nove meses. – Exatamente.”

Como eu sabia que havia reunião em vossa casa, pedi-lhe que vos fosse ver. Ela não ousava entrar, tamanha era a quantidade de gente e de grandes Espíritos. Ela vos detalhou muito bem, caro presidente, assim como vários de nossos colegas.

*Observação* – Antes de mais, prestemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Barcelona, por seu zelo e devotamento. Como diz o Sr. Delanne, para realizar tais coisas é preciso coragem e perseverança, que somente a fé e a caridade podem dar. Que aqui recebam o testemunho de fraterna simpatia da Sociedade de Paris.

Os fatos de Carcassonne farão sorrir os incrédulos, que não deixarão de dizer que é a representação de uma comédia; caso contrário, dirão, seriam milagres, e o tempo dos milagres já passou. Respondemos-lhe que não há nisto nenhum milagre, mas simples fenômenos naturais, cuja teoria compreenderão quando quiserem se dar ao trabalho de os estudar, razão por que não nos esforçamos para lhos explicar. Quanto à comédia, seria preciso saber em benefício de quem foi representada. Certamente a prestidigitação pode operar coisas igualmente surpreendentes, até mesmo a cura de uma inchação simulada por uma bexiga cheia. Mas, ainda uma vez, em benefício de quem? Sempre se é forte quando se pode opor a uma acusação de charlatanismo o mais absoluto desinteresse; já não seria o mesmo se estivesse em jogo a mais leve suspeita de interesse material. E, depois, quem representaria essa comédia? Uma jovem de boa família, que não se exhibe em espetáculo, que nem dá sessões em sua casa, nem na cidade, e não busca falar de si, o que não é o caso dos charlatães; um vice-presidente de Tribunal; honrados negociantes; oficiais recomendáveis e recebidos na melhor sociedade; uma tal suspeita pode atingi-los? Dirão que é no interesse da doutrina e para fazer adeptos. Mas nem por isso deixa de ser uma fraude, indigna de pessoas que se respeitam. Aliás, seria um meio singular assentar uma doutrina sobre a habilidade em enganar, por meio de gente honesta. Mas os nossos contraditores não olham isto de tão perto, em matéria de contradições; a lógica é a menor de suas preocupações.

Contudo, há uma importante observação a fazer aqui. Quem assistia à sessão, da qual dá conta o Sr. Delanne? Havia

incrédulos a quem queriam convencer? Não, nenhum. Todos eram adeptos que já tinham testemunhado esses fatos várias vezes. Teriam, pois, escamoteado pelo prazer de enganar a si mesmos. Por mais que digais, senhores, os Espíritos empregam tantas maneiras diferentes para atestar sua presença que, em definitivo, os que riem não estarão do nosso lado. Podeis julgá-lo pelo número sempre crescente de seus partidários. Se tivésseis encontrado um só argumento sério, não o teríeis omitido; mas caís precisamente sobre os charlatães e os exploradores, que o Espiritismo desacredita e com os quais declara nada ter em comum; nisto nos secundais, em vez de nos prejudicar. Assinalai a fraude, onde quer que a encontreis: é só o que pedimos. Jamais nos vistes tomar-lhes a defesa, nem sustentar os que, por sua falta, tiveram problemas com a justiça ou transgrediram a lei. Todo espírita sincero, que se cinge aos limites dos deveres que lhe traça a doutrina, concilia a consideração e o respeito, e nada tem a temer.

## Variedades

### O TABACO E A LOUCURA

Lê-se no *Siècle* de 15 de abril de 1865:

“Os casos de paralisia e de alienação mental aumentam na França, em razão direta da produção do imposto sobre o tabaco. De 1812 a 1832, os recursos trazidos ao orçamento pelo imposto sobre o tabaco elevaram-se a 28 milhões, e os hospícios de alienados contavam 8000 dementes. Hoje, a cifra do imposto alcança 180 milhões e contam-se 44.000 alienados ou paralíticos nos hospitais especializados.

“Esses paralelos, fornecidos pelo Sr. Jolly na última sessão da Academia de Ciências, devem fazer refletir os amantes dos vapores nicotinizados. O Sr. Jolly terminou seu estudo por esta frase ameaçadora para a geração atual: O emprego imoderado do

tabaco, sobretudo do cachimbo, ocasiona uma debilidade no cérebro e na medula espinhal, de onde resulta a loucura.”

Se ainda fosse preciso refutar, depois de tudo quanto foi dito, as alegações dos que pretendem que o Espiritismo entulha as casas de alienados, as cifras forneceriam um argumento sem réplica, porque não só repousam sobre um fato material e um princípio científico lógico, mas constataam que o crescimento do número de alienados remonta a mais de vinte anos antes que se cogitasse do Espiritismo. Ora, não é lógico admitir que o efeito tenha precedido a causa. Os espíritas não estão preservados das causas materiais que podem perturbar o cérebro, como dos acidentes capazes de quebrar braços e pernas. Não é, pois, de admirar que haja espíritas entre os loucos. Mas, ao lado das causas materiais, há causas morais; é contra estas que os espíritas têm um poderoso preservativo em suas crenças. Desse modo, se um dia for possível ter uma estatística exata, conscienciosa e feita sem prevenção, dos casos de loucura devidos a causas morais, ver-se-á incontestavelmente o seu número diminuir com o desenvolvimento do Espiritismo. Diminuirá também o número dos casos ocasionados pelos excessos e abuso de bebidas alcoólicas, mas não impedirá a febre ardente, acompanhada de delírio, e muitas outras causas de distúrbios da razão.

É notório que tais homens de letras de renome morram loucos em consequência do uso imoderado do absinto, cujos efeitos deletérios sobre o cérebro e a medula espinhal estão hoje demonstrados. Se esses homens se tivessem ocupado do Espiritismo, não teriam deixado de responsabilizar a doutrina por isto. Quanto a nós, não tememos afirmar que se dela se tivessem ocupado *seriamente*, teriam sido mais moderados em tudo, e não se teriam expostos a essas tristes consequências da intemperança. Um paralelo semelhante ao que faz o Dr. Jolly poderia, talvez com tanta ou mais razão, ser feita entre a proporção de alienados e o consumo de absinto.

Mas eis uma outra causa posta em evidência pelo *Siècle* de 21 de abril, no fato seguinte:

Lê-se no *Droit*: “Joséphine-Sophie D..., de dezenove anos, operária polidora de metais, reside como os pais na Rua Bourbon-Villeneuve. Dedicase com ardor incrível à leitura de romances que encerram as publicações ditas populares, de cinco centavos. Os sentimentos exagerados, os caracteres escandalosos, os acontecimentos inverossímeis, de que geralmente essas obras estão cheias, influem de maneira deplorável sobre sua inteligência. Ela se julgava chamada aos mais altos destinos. Seus pais, embora numa posição um tanto difícil tinham feito todos os sacrifícios possíveis para lhe dar instrução; entretanto, não passavam aos seus olhos de pobres criaturas, incapazes de compreendê-la e de se elevarem até a esfera a que ela aspirava.

“Desde há muito tempo Sophie D... entregava-se a esses pensamentos romanescos. Vendo, enfim, que nenhum ser espiritual se ocupava dela e que sua vida devia transcorrer, como a das outras operárias, em meio ao trabalho e aos cuidados da família, resolveu pôr fim aos seus dias, por certo na expectativa de que seus sonhos se realizariam num outro mundo.

“Ontem pela manhã, como se admirassem de não a ver aparecer à hora em que devia se dirigir ao trabalho, sua jovem irmã foi chamá-la. Abrindo a porta foi tomada de uma agitação nervosa, ao ver a irmã enforcada: pendurara-se no gancho que guarnecia a trave da cama. Chamou os pais, que acorreram e se apressaram em cortar a corda; contudo, todas as tentativas para chamar a filha à vida foram infrutíferas.”

Eis, pois, um caso de loucura e de suicídio causado por aqueles mesmos que acusam o Espiritismo de entupir as casas de alienados. Os romances podem, pois, exaltar a imaginação a tal ponto que a razão fique perturbada? Poder-se-ia citar bom número

de casos semelhantes, sem contar os loucos produzidos pelo temor do diabo sobre os espíritos fracos. Mas surgiu o Espiritismo e cada um se apressou em dele fazer o bode expiatório de suas próprias faltas.

## Dissertações Espíritas

(Lyon, novembro de 1863 – Médiun: Sr. X...)

### I

#### IDÉIAS PRECONCEBIDAS

Temos-vos dito muitas vezes que investiguem as comunicações que vos são dadas, submetendo-as à análise da razão, e que não tomeis sem exame as inspirações que vêm agitar o vosso Espírito, sob a influência de causas por vezes muito difíceis de constatar pelos encarnados, entregues a distrações sem-número.

As idéias puras que, por assim dizer, flutuam no espaço (segundo a idéia platônica), levadas pelos Espíritos, nem sempre podem alojar-se sozinhas e isoladas no cérebro dos vossos médiuns. Muitas vezes encontram o lugar ocupado por idéias preconcebidas, que se espalham com o jacto da inspiração, perturbando-o e transformando-o de maneira inconsciente, é verdade, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a idéia espiritual se ache, assim, inteiramente desnaturada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a excitar o Espírito do médium, dando-lhe o que chamais a verve da composição. Se a inspiração encontrar o lugar ocupado por uma idéia preconcebida, da qual o médium não pode ou não quer desligar-se, nosso pensamento fica sem intérprete e o calor fluídico se gasta em estimular uma idéia que não é nossa. Quantas vezes em vosso mundo egoísta e apaixonado temos trazido o calor e a idéia! Desdenhais a idéia, que vossa

consciência deveria fazer-vos reconhecer e vos apoderais do calor, em benefício de vossas paixões terrenas, por vezes dilapidando o bem de Deus em proveito do mal. Assim, quantas contas terão de prestar um dia todos os advogados das causas equivocadas!

Sem dúvida seria desejável que as boas inspirações pudessem sempre dominar as idéias preconcebidas. Mas, então, entravariamos o livre-arbítrio da vontade do homem e, assim, este último escaparia à responsabilidade que lhe pertence. Mas se somos apenas os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes nos devemos felicitar, quando nossa idéia, batendo à porta de uma consciência estreita, triunfa da idéia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Entretanto, não se deveria crer que nosso auxílio mal-empregado não traísse um pouco o mau uso que dele podem fazer. A convicção sincera encontra acentos que, partidos do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer as convicções apaixonadas, vibrando em uníssono com a primeira, mas traz um frio particular que deixa a consciência malsatisfeita e revela uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração mediúnica? A resposta é fácil: a idéia vem do mundo extraterrestre – é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos em vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação; algumas vezes nós a tomamos do próprio inspirado, quando este é dotado de certo poder fluídico, ou mediúnico, como dizeis; na maioria das vezes nós o tomamos em seu ambiente, na emanação de benevolência, de que está mais ou menos cercado. É por isto que se pode dizer com razão que a simpatia torna eloqüente.

Se refletirdes atentamente nestas causas, encontrareis a explicação de muitos fatos que a princípio causam admiração, mas dos quais cada qual possui uma certa intuição. Só a idéia não bastaria ao homem, se não se lhe desse o poder de exprimi-la. O

calor é para a idéia o que o perispírito é para o Espírito, o que o vosso corpo é para a alma. Sem o corpo a alma seria impotente para agitar a matéria; sem o calor, a idéia seria impotente para comover os corações.

A conclusão desta comunicação é que jamais deveis abdicar de vossa razão, ao examinardes as inspirações que vos são submetidas. Quanto mais o médium tem idéias adquiridas, mas é ele susceptível de idéias preconcebidas, mais deve fazer tábula rasa de seus próprios pensamentos, abandonar as influências que o agitam e dar à sua consciência a abnegação necessária a uma boa comunicação.

## II

### DEUS NÃO SE VINGA

O que precede não passa de um preâmbulo destinado a servir de introdução a outras idéias. Falei-vos de idéias preconcebidas, mas há outras além das que vêm das inclinações do inspirado; há as que são consequência de uma instrução errônea, de uma interpretação acreditada num tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida e que, passadas ao estado crônico, só podem ser modificados por esforços heróicos, sobretudo quando têm para si a autoridade do ensino religioso e de livros reservados. Uma destas idéias é esta: *Deus se vinga*. Que um homem, ferido em seu orgulho, em sua pessoa ou em seus interesses, se vingue, isto se concebe; embora culpado tal vingança está dentro dos limites das imperfeições humanas. Mas um pai que se vinga nos filhos levanta a indignação geral, porque cada um sente que um pai, encarregado da tarefa de criar os seus filhos, pode corrigir-lhes os erros e os defeitos por todos os meios ao seu alcance, mas a vingança lhe é interdita, sob pena de tornar-se estranho a todos os direitos da paternidade.

Sob o nome de vindita pública, a sociedade que desaparece vingava-se dos culpados; a punição infligida, muitas vezes cruel, não passava de vingança sobre as más ações do homem perverso; ela não se preocupava absolutamente com a reabilitação desse homem, deixando a Deus o cuidado de o punir ou de o perdoar. Bastava-lhe ferir pelo terror, que julgava salutar, os futuros culpados. A sociedade que surge não pensa mais assim; se ainda não age em vista da reeducação do culpado, ao menos compreende o que a vingança contém de odioso por si mesma; salvaguardar a sociedade contra os ataques de um criminoso lhe basta e, ajudada pelo temor de um erro judiciário, em breve a pena capital desaparecerá dos vossos códigos.

Se hoje a sociedade se julga muito forte em frente a um culpado para se deixar tomar pela cólera e dele vingar-se, como quereis que Deus, participando de vossas fraquezas, se deixe tomar por um sentimento irascível e fira por vingança um pecador chamado ao arrependimento? Crer na cólera divina é um orgulho da Humanidade, que se imagina pesar bastante na balança divina. Se a planta do vosso jardim não se desenvolve a contento, ireis encolerizar-vos e vos vingar dela? Não; se puderdes a soergueres, apoiá-la-eis em estacas e, se necessário, a transplantareis, mas não vos vingareis. Assim faz Deus.

Vingar-se, Deus? que blasfêmia! que amesquinamento da grandeza divina! quanta ignorância da distância infinita que separa o Criador da criatura! Quanto esquecimento de sua bondade e de sua justiça! Deus viria, numa existência em que não vos resta nenhuma lembrança dos vossos erros passados, fazer-vos pagar muito caro as faltas cometidas numa época apagada em vosso ser! Não, não! Deus não age assim; ele entrava o impulso de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato por uma humildade forçada, retifica o egoísmo do passado pela urgência de uma necessidade presente, que leva a desejar a existência de um sentimento que o homem nem conheceu, nem experimentou. Como pai, corrige, mas, também como pai, Deus não se vinga.

Guardai-vos dessas idéias preconcebidas de vingança celeste, detritos perdidos de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas, cuja porta está aberta para vossas doutrinas novas e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para diminuí-la ainda mais por crenças errôneas; quanto mais sentirdes vossa liberdade, sem dúvida maior será a vossa responsabilidade e tanto mais os esforços de vossa vontade vos conduzirão adiante, na senda do progresso.

*Pascal*

### III

#### A VERDADE

A verdade, meu amigo, é uma dessas abstrações para as quais tende o Espírito humano incessantemente, sem jamais poder atingi-la. É preciso que ele tenda para ela, é uma das condições do progresso, mas, pela simples razão da imperfeição de sua natureza, ele não poderia alcançá-la. Seguindo a direção que segue a verdade em sua marcha ascendente, o Espírito humano está na via providencial, mas não lhe é dado ver o seu termo.

Compreender-me-ás melhor quando souberes que a verdade é, como o tempo, dividida em duas partes, pelo momento inapreciável que se chama o presente, a saber: o passado e o futuro. Assim, há duas verdades: a verdade relativa e a verdade absoluta; a verdade relativa é o que é; a verdade absoluta é o que deveria ser. Ora, como o que deveria ser sobe por graus até a perfeição absoluta, que é Deus, segue-se que, para os seres criados e seguindo a rota ascensional do progresso, não há senão verdades relativas. Mas, do fato de uma verdade relativa não ser imutável, não se segue que seja menos sagrada para o ser criado.

Vossas leis, vossos costumes, vossas instituições são essencialmente perfectíveis e, por isto mesmo, imperfeitas; mas suas imperfeições não vos liberam do respeito que lhes deveis. Não é permitido adiantar-se ao tempo e fazer leis fora das leis sociais. A Humanidade é um ser coletivo que deve marchar, se não em seu conjunto, ao menos por grupos, para o progresso do futuro. Aquele que se destaca da sociedade humana para avançar como criança perdida, sofre sempre na vossa Terra a pena devida à sua impaciência. Deixai aos iniciadores inspirados pelo Espírito de Verdade, o cuidado de proclamar as leis do futuro, submetendo-se à do presente. Deixai a Deus, que mede vossos progressos pelos esforços que tendes feito para vos tornardes melhores, o cuidado de escolher o momento que julgar útil para uma nova transição, mas jamais vos esquivéis a uma lei senão quando for derrogada.

Porque o Espiritismo foi revelado entre vós, não creiais num cataclismo das instituições sociais; até agora ele tem realizado uma obra subterrânea e inconsciente para aqueles que foram os seus instrumentos. Hoje que ele vem à tona e surge à luz, nem por isso a marcha do progresso deve ser de lenta regularidade. Desconfiai dos Espíritos impacientes, que vos impelem para as sendas perigosas do desconhecido. A eternidade que vos é prometida deve levar-vos a ter piedade das ambições tão efêmeras da vida. Sede reservados até em suspeitar, muitas vezes, da voz dos Espíritos que se manifestam.

Lembrais-vos disto: O Espírito humano move-se e se agita sob a influência de três causas, que são: a *reflexão*, a *inspiração* e a *revelação*. A *reflexão* é a riqueza de vossas lembranças, que agita voluntariamente. Nela, o homem encontra o que lhe é rigorosamente útil, para satisfazer às necessidades de uma posição estacionária. A *inspiração* é a influência dos Espíritos extraterrestres, que se misturam mais ou menos às vossas próprias reflexões para vos compelir ao progresso; é a intromissão do melhor na insuficiência da passagem, uma força nova que se junta a uma força adquirida,

para vos levar mais longe que o presente, a prova irrecusável de uma causa oculta que vos impulsiona para frente, e sem a qual permaneceríeis estacionários. Porque é regra física e moral que o efeito não poderia ser maior que sua causa, e quando isto acontece, como no progresso social, é que uma causa ignorada, não percebida, juntou-se à causa primeira de vosso impulso. A *revelação* é a mais elevada das forças que agitam o Espírito do homem, porque vem de Deus e só se manifesta por sua vontade expressa; ela é rara, por vezes mesmo inapreciável, algumas vezes evidente para o que a experimenta a ponto de sentir-se involuntariamente tomado de santo respeito. Repito, ela é rara e dada ordinariamente como recompensa à fé sincera, ao coração devotado; mas não tomeis como revelação tudo quanto vos pode ser dado como tal. O homem se vangloria da amizade dos grandes, os Espíritos exibem uma permissão especial de Deus, que muitas vezes lhes falta. Algumas vezes fazem promessas que Deus não ratifica, porque só ele sabe o que é e o que não é preciso.

Eis, meu amigo, tudo quanto posso dizer-te sobre a verdade. Humilha-te perante o grande Ser, por quem tudo vive e se move na infinidade dos mundos, que seu poder governa; medita que se nEle se acha toda a sabedoria, toda justiça e todo poder, nEle também se acha toda a verdade.

*Pascal*

### ESTUDO SOBRE A MEDIUNIDADE

(Sociedade de Paris, 7 de abril de 1865 – Médium: Sr. Costel)

Não se devem erigir em sistemas os ditados mal concebidos e mal expressos, que desnaturam totalmente a inspiração mediúnica, se é que esta tenha existido. Deixo a outros o cuidado de explicar a teoria do progresso, porque é inútil que todos os médiuns tratem do mesmo assunto. Vou ocupar-me da mediunidade, esse tema inesgotável de pesquisas e estudos.

A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; nem é uma exceção, nem um favor, e faz parte do grande conjunto humano. Como tal está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais; sofre o temível dualismo do instinto e da inteligência. Possui seus gênios, sua multidão e suas anomalias.

Jamais se devem atribuir aos Espíritos – e por estes eu me refiro aos que são elevados – esses ditados sem fundo e sem forma, que aliam à sua nulidade o ridículo de serem assinados por nomes ilustres. A mediunidade séria só investe em cérebros providos de uma instrução suficiente ou, pelo menos, provados pelas lutas passionais. Os melhores médiuns são os únicos a receber o afluxo espiritual; os outros sofrem tão-somente o impulso fluídico material, que lhes movimenta as mãos, sem fazer que sua inteligência produza algo que já não disponha em estado latente. É preciso encorajá-los a trabalhar, mas não iniciar o público em suas elucubrações.

As manifestações espíritas devem ser feitas com a maior reserva; se for indispensável acumular, para a dignidade pessoal, todas as provas de uma perfeita boa-fé em torno das experiências físicas, pelo menos importa preservar as comunicações espirituais do ridículo, que muito facilmente se prendem às idéias e aos sistemas assinados irrisoriamente por nomes célebres, que são e continuarão sempre estranhos a essas produções. Não ponho em dúvida a lealdade das pessoas que, recebendo o choque elétrico, o confundem com a inspiração mediúnica. A Ciência tem seus pseudo-sábios, a mediunidade os seus falsos médiuns, na ordem espiritual, bem entendido.

Tento estabelecer aqui a diferença que existe entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e os que não agem senão pelo impulso fluídico corporal, isto é, os que vibram intelectualmente e aqueles cuja ressonância física só leva à produção confusa e inconsciente de suas próprias idéias, ou de idéias vulgares e sem alcance.

Existe, pois, uma linha de demarcação muito nítida entre os médiuns escreventes: uns obedecendo à influência espiritual, que só os leva a escrever coisas úteis e elevadas; outros, sofrendo a influência fluídica material que age sobre seus órgãos cerebrais, como os fluidos físicos agem sobre a matéria inerte. Esta primeira classificação é absoluta, mas admite uma porção de variedades intermediárias. Aqui indico os principais traços de um estudo importante, que outros Espíritos completarão. Somos os pioneiros do progresso terrestre, e solidários uns com os outros. Na falange espírita formamos o núcleo do futuro.

*Georges*

*Observação* – A frase na qual o Espírito diz que deixa a outros o cuidado de explicar a teoria do progresso, é motivada por diversas perguntas que tinham sido propostas sobre o assunto na sessão. Quando diz que a mediunidade é um tema inesgotável de pesquisas e estudos, está perfeitamente certo.

Embora o estudo desta parte integrante do Espiritismo esteja longe de ser completa, já estamos longe do tempo em que se acreditava que bastasse receber um impulso mecânico para se dizer médium e se julgar apto a receber comunicações de todos os Espíritos. Isto equivaleria a pensar que o primeiro que tocasse uma pequena ária ao piano devesse ser necessariamente um excelente músico. O progresso da ciência espírita, que diariamente se enriquece com novas observações, mostra-nos a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se suspeitava, são submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo; mas, como hábeis professores, à medida que as idéias se desenvolvem, entram em maiores detalhes e desdobram os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos e teriam confundido o nosso pensamento.

A mediunidade exige, pois, um estudo sério da parte de quem quer que veja no Espiritismo uma coisa séria. À medida que os verdadeiros mecanismos desta faculdade forem mais bem conhecidos, estaremos menos expostos às decepções, porque saberemos o que ela pode dar e em que condições poderá fazê-lo. Quanto mais houver pessoas esclarecidas sobre este ponto, menos vítimas haverá do charlatanismo.

### PROGRESSO INTELECTUAL

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865 – Médium: Sr. Desliens)

Nada se perde neste mundo, não só na matéria, onde tudo se renova incessantemente, aperfeiçoando-se segundo leis imutáveis aplicadas a todas as coisas pelo Criador, como, também, no domínio da inteligência. A Humanidade é semelhante a um homem que vivesse eternamente e adquirisse continuamente novos conhecimentos.

Isto não é uma imagem, mas uma realidade, porque o Espírito é imortal; somente o corpo, envoltório ou vestimenta do Espírito, cai quando gasto e é substituído por outro. A própria matéria sofre modificações. À medida que o Espírito se depura, adquire novas riquezas e merece, se assim me posso exprimir, uma roupagem mais luxuosa, mais agradável, mais cômoda, para empregar vossa linguagem terrena.

A matéria se sublima e se torna cada vez mais leve, sem jamais desaparecer completamente, pelo menos nas regiões médias; quer como corpo, quer como perispírito, ela acompanha sempre a inteligência e lhe permite, por este ponto de contato, comunicar-se com seus inferiores, seus iguais e seus superiores, para instruir, meditar e aprender.

Dissemos que nada se perde em a Natureza. Acrescentamos: nada é inútil. Tudo, das criaturas mais perigosas até os venenos mais sutis, têm a sua razão de ser. Quantas coisas

havam sido julgadas inúteis ou prejudiciais e cujas vantagens foram reconhecidas mais tarde! Outro tanto se dá com as que não compreendeis. Sem tratar a fundo a questão, apenas direi que as coisas nocivas vos obrigam a atenção e a vigilância que exercitam a inteligência, ao passo que se o homem nada tivesse a temer, abandonar-se-ia à preguiça, em prejuízo de seu desenvolvimento. Se a dor ensina a gemer, gemer é um ato de inteligência.

Deus, sem dúvida, como objetam alguns, poderia vos ter poupado das provações e dificuldades, que vos parecem supérfluas; mas se os obstáculos vos são opostos, é para despertar em vós os recursos adormecidos; é para impulsionar os tesouros da inteligência, que ficariam enterrados no vosso cérebro, se uma necessidade, um perigo a evitar não vos viesse forçar a velar por vossa conservação.

O instinto nasce; a inteligência o segue, as idéias se encadeiam e está inventado o raciocínio. Se raciocino, julgo, bem ou mal, é verdade, mas é raciocinando errado que se aprende a reconhecer a verdade; quando se é enganado várias vezes, acaba-se acertando; e esta verdade, esta inteligência, obtidas por tanto trabalho, adquirem um preço infinito e vos faz considerar a sua posse como um bem inestimável. Temeis ver se perderem descobertas que fizestes; que fazeis, então? Instruí vossos filhos, vossos amigos; desenvolveis sua inteligência, a fim de nela semear e fazer frutificar o que adquiristes a preço de esforços intelectuais. É assim que tudo se encadeia, que o progresso é uma lei natural e que os conhecimentos humanos, acrescidos paulatinamente, se transmitem de geração em geração. Que, depois disto, vos venham dizer que tudo é matéria! Em sua maioria, os materialistas não repelem a espiritualidade senão porque, sem isto, precisariam mudar o gênero de vida, atacar os seus erros, renunciar aos seus hábitos. Seria muito custoso, razão por que acham mais cômodo tudo negar.

## DA SERIEDADE NAS REUNIÕES

(Sociedade de Paris, 17 de março de 1865 – Médium: Sr. Desliens)

Como já tendes provas, a atitude séria dos membros de um grupo choca os estranhos que assistem às sessões com a intenção de as expor ao ridículo; muda-lhes a vontade de zombar em respeito involuntário e, do respeito ao estudo sério, por conseguinte à fé, a transição é insensível. Aliás, aqueles que não saem convencidos dessas reuniões, delas levam ao menos uma impressão favorável; e, se não se aliam a vós imediatamente, deixam de fazer parte de vossos adversários obstinados. Eis uma primeira razão que vos deve convencer a serdes sérios e recolhidos. Com efeito, que quereis que pensem os que saem de uma reunião onde os assuntos mais dignos de respeito são tratados com leviandade e inconseqüência? Embora os espíritas que assim procedem estejam longe de ser mal-intencionados, não são menos prejudiciais: não em relação ao futuro, mas ao rápido desenvolvimento da doutrina. Se apenas se tivessem realizado reuniões sérias, conduzidas de maneira conveniente, a doutrina estaria ainda muito mais adiantada, se bem que já o esteja bastante. Agir assim não é agir como verdadeiros espíritas, nem no interesse da doutrina, porque os adversários aproveitam-se disso para ridicularizá-la. É, pois, um dever dos que lhe compreendem a importância não prestar apoio a reuniões dessa natureza.

Não é somente à doutrina que prejudicam, mas, também, a si próprios, porquanto, se toda boa ação traz consigo a recompensa, toda ação leviana deixa atrás de si uma impressão deplorável, por vezes seguida de uma punição física, cuja menor consequência pode ser a suspensão da mediunidade ou, pelo menos, a impossibilidade de comunicar-se com os Espíritos bons.

É preciso ser sério, não apenas com os Espíritos benevolentes e esclarecidos, que vêm dar sábias instruções, e que o vosso pouco recolhimento afastaria, mas, ainda, com os Espíritos

sofredores ou malévolos, que vêm, uns vos pedir consolações, outros vos mistificar. Direi mesmo que é principalmente com estes últimos que se requer gravidade, embora temperada pela benevolência. É o melhor meio de lhes impor e os manter a distância, compelindo-os ao respeito. Se vos rebaixardes até a familiaridade com os que vos são inferiores, moral e intelectualmente, não tardareis a ser vítimas de sua influência perversa, que se traduz, inicialmente, por mistificações e, mais tarde, por cruéis e tenazes obsessões.

Mantende-vos em guarda; adaptai vossa linguagem conforme a dos Espíritos que se comunicam em vossos grupos, mas que a seriedade e a benevolência jamais sejam excluídas. Não repilais os que se vos apresentam sob aparências imperfeitas. Talvez prefirais sempre comunicações sensatas, sobre as quais não vos seja necessário exercitar o vosso sentimento e o vosso julgamento para lhes conhecer o valor, mas considerai que o julgamento só se desenvolve pelo exercício. Todas as comunicações têm sua utilidade para os que delas sabem tirar proveito; uma mistificação reconhecida e prevenida pode agir com mais eficácia sobre as vossas almas, fazendo-vos perceber melhor os pontos a reforçar, do que instruções que vos contentaríeis em admirar sem as pôr em prática.

Trabalhai com coragem e sinceridade, e o Espírito do Senhor será convosco.

*Moki*

### IMIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS SUPERIORES NA TERRA

(Sociedade Espírita de Paris, 7 de outubro de 1864  
– Médium: Sr. Delanne)

Nesta noite vos falarei das imigrações de Espíritos adiantados que vêm encarnar-se em vossa Terra. Esses novos mensageiros já tomaram o cajado do peregrino; já se espalham aos

milhares em vosso globo; por toda parte estão dispostos em grupos e em séries, pelos Espíritos que dirigem o movimento de transformação. A Terra já se agita ao sentir em seu seio aqueles que outrora ela viu passar através de sua Humanidade nascente. Ela se regozija em os rever, porque pressente que vêm para conduzi-la à perfeição, tornando-se guias dos Espíritos ordinários, que precisam ser encorajados por bons exemplos.

Sim, grandes mensageiros estão entre vós; são eles que se tornarão os sustentáculos da geração futura. À medida que o Espiritismo cresce e se desenvolve, Espíritos de ordem cada vez mais elevada virão sustentar a obra, em razão das necessidades da causa. Deus espalhou suportes para a doutrina; eles surgirão no tempo e no lugar. Assim, sabeis esperar com firmeza e confiança; tudo o que foi predito acontecerá, como diz o livro santo, até um *iota*.

Se a transformação atual, como acaba de dizer o mestre, levantou as paixões e fez surgir a escória dos Espíritos encarnados e desencarnados, também despertou o desejo ardente numa multidão de Espíritos de posição superior nos mundos dos turbilhões solares, de virem novamente servir aos desígnios de Deus para esse grande acontecimento.

Eis por que eu dizia há pouco que a imigração dos Espíritos superiores se operava em vossa Terra para ativar a marcha ascendente de vossa Humanidade. Assim, redobrai de coragem, de zelo, de fervor pela causa sagrada. Ficai sabendo que nada deterá a marcha progressiva do Espiritismo, porquanto poderosos protetores continuarão vossa obra.

*Mesmer*

## SOBRE AS CRIAÇÕES FLUÍDICAS

(Sociedade de Paris, 14 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Delanne)

Falei, em poucas palavras, sobre os grandes mensageiros enviados entre vós para realizar sua missão de progresso intelectual e moral em vosso globo.

Se, nessa ordem, o movimento se desenvolve e assume proporções que notais a cada dia, um outro se realiza, não só no mundo dos Espíritos que deixaram a matéria, mas também importante na ordem material. Quero falar das leis de depuração fluídica.

O homem não só deve elevar sua alma pela prática da virtude, mas deve, também, depurar a matéria. Cada indústria fornece seu contingente a esse trabalho, porque cada indústria produz misturas de toda espécie; essas espécies liberam fluidos que, mais depurados, vão juntar-se na atmosfera a fluidos mais similares, que se tornam úteis às manifestações dos Espíritos de que faláveis há pouco.

Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, são colhidos nos fluidos semimateriais, análogos à constituição semimaterial do corpo chamado perispírito, dos habitantes da erraticidade. Eis por que, com esses elementos, eles podem criar objetos conforme o seu desejo.

O mundo dos invisíveis é como o vosso. Em vez de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

*O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; o vosso é que é uma imagem grosseira e muita imperfeita do reino de além-túmulo.*

As relações entre esses dois mundos sempre existiram. Mas hoje é chegado o momento em que todas essas afinidades vos serão desvendadas, demonstradas e tornadas palpáveis.

Quando compreenderdes as leis das relações entre os seres fluídicos e os que conheceis, a lei de Deus estará próxima de ser executada; porque cada encarnado compreenderá sua imortalidade e, a partir de então, não apenas se tornará um ardente trabalhador da grande causa, mas, também, um digno servidor de suas obras.

*Mesmer*

*Allan Kardec*